

CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA ANÁLISE DO URBANO

Eixo: Dinâmica Urbana y Rural, Transporte, Energia y Sustentabilidade

Modalidad de Participacion: Ponencia

Tânia Maria Fresca

Profa. Dra. do Departamento de Geociências

Universidade Estadual de Londrina – PR - Brasil

tania_geografia@yahoo.com.br

RESUMO

O trabalho aborda a complexidade da organização espacial, vinculando sua análise ao uso dos processos de convergência e divergência como uma possibilidade de compreensão de diferentes caminhos da evolução de centros urbanos. Os processos referidos apresentam poder explicativo para as complexas mudanças que envolvem as transformações espaciais. Convergência e divergência são processos que coexistem, constituindo-se ainda em trajetórias que conduzem a resultados distintos, já que decorrentes da dinâmica econômica, política e social, permitindo-se identificar as dinâmicas relacionais e contraditórias entre as tendências homogeneizadoras e diferenciadoras.

Palavras-chave: organização espacial, convergência, divergência

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisa a organização espacial do ponto de vista do urbano, através do uso dos conceitos de convergência e divergência como um caminho teórico e metodológico em direção à compreensão das diferentes evoluções de cinco centros urbanos: Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Jacarezinho, Cornélio Procópio e Cianorte. Os dois primeiros localizados no interior do estado de São Paulo e os demais no Norte do estado do Paraná. Estes centros urbanos foram analisados por Fresca (1990 e 2004) sob outro contexto analítico, mas no presente trabalho utiliza-se outros conceitos e

perspectivas para a compreensão da diferenciação evolutiva dos mesmos através dos conceitos de convergência e divergência.

ORGANIZAÇÃO ESPACIAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Organização espacial é uma temática ampla, complexa e fundamental na geografia, suscitando muitos debates acerca de seus fundamentos e pressupostos teóricos e metodológicos, importantes para o avanço da ciência. Com base em Corrêa (1987 e 1995), entende-se que organização espacial tem vários sinônimos como espaço do homem, a organização espacial da sociedade, espaço socialmente produzido, espaço geográfico, espaço. Importante esta referência para que não se faça rapidamente vinculações desta expressão com uma matriz teórica. Para o autor citado, a organização espacial constitui-se em uma objetivação de ver a totalidade social e ao mesmo tempo uma materialidade social, posto que é fruto da ação humana, simultaneamente social, política, econômica e histórica, sendo muito complexa. De acordo com Corrêa (1987) a organização espacial é própria sociedade espacializada, oriunda do trabalho humano acumulado ao longo do tempo. Neste sentido sua produção por classes sociais e distintas frações no sistema capitalista deve garantir condições necessárias para sua reprodução e ao mesmo tempo entender que a organização espacial é resultado do trabalho social.

A análise e compreensão da organização espacial, ou simplesmente espaço, pode ser realizada através de diversos caminhos teóricos e metodológicos, mas destaca-se aqui a relação dialética entre estrutura, processo, função e forma, categorias estas utilizadas por Milton Santos (1985). O uso destas categorias analíticas permite uma compreensão mais abrangente das complexas e mutáveis relações existentes entre arranjos dos elementos naturais e artificiais, cristalizados no espaço social que estão no cerne do processo de mudança.

Assim, estrutura deve ser entendida como a inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou de construção, permitindo compreender o modo pelo qual os objetos estão inter-relacionados. Para Santos (1985) o conceito de formação socioespacial é o mais adequado ao estudo da sociedade e espaço, já que expressa a totalidade espacial em seu movimento, como uma potencialidade e uma realidade. Estudar as formações

socioespaciais permite o “[...] conhecimento de uma sociedade na sua totalidade e nas suas frações, mas sempre um conhecimento específico, apreendido num momento de sua evolução” (SANTOS, 1982, p. 12), já que historicamente determinado. Formação social, em outras palavras, compreende uma estrutura técnico-produtiva expressa geograficamente por uma certa distribuição de atividades de produção correlacionada à produção propriamente dita, circulação, distribuição e consumo (SANTOS, 1982).

Processo por sua vez, pode ser entendido como uma ação contínua ou descontínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado esperado, implicando conceitos de tempo – continuidade e discontinuidades – e mudança (SANTOS, 1985, p. 50). Os processos adquirem uma dimensão temporal fornecendo possibilidades de compreensão da organização espacial. Função sugere tarefa, atividade necessária para a existência e reprodução humana, sendo instável e em constante movimento (CHEPTULIN, 1982), enquanto a forma corresponde a um receptáculo no qual funções são realizadas, assumindo dimensões empíricas ou não. A relação entre forma e função é direta, já que a primeira sempre comporta uma reciprocidade de conteúdos. Uma forma sem conteúdo não tem existência real, não é concreta (LEFEBVRE, 1969, p. 83), porque o que sempre se apresenta à análise é a unidade entre forma e conteúdo.

Por isso,

Forma, função, estrutura e processo são quatro termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto de mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas do mundo. Consideradas em conjunto, porém, e relacionados entre si, elas constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual se pode discutir os fenômenos específicos em sua totalidade (SANTOS, 1985, p. 52).

Este é um caminho através do qual a análise da organização espacial pode ser elaborada, pois permite compreender, além dos pontos já colocados, que em cada etapa histórica da produção, sua realização pressupõe um lugar próprio, dotado de especificidades que atendem melhor à produção ou fração desta, permitindo ao lugar ser dotado de uma significação particular pois a cada momento alterar-se-á o uso produtivo deste segmento do espaço.

CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA ANÁLISE GEOGRÁFICA

A análise da organização espacial em uma de suas múltiplas dimensões e escalas - que pode ser a de uma cidade, de uma rede urbana, de uma área agrícola, etc. - pode ser realizada mediante o uso dos conceitos de convergência e divergência, que possuem poder explicativo para as complexas mudanças que envolvem as transformações da organização espacial. Convergência e divergência são, na interpretação de Bessa (2007), processos que coexistem, constituindo-se ademais em trajetórias que conduzem a resultados distintos, já que decorrentes da dinâmica econômica, política e sociocultural.

Estes processos existem em quatro combinações possíveis, considerando-se um dada formação socioespacial, intervalo de tempo e duração indeterminada: convergência-divergência; divergência-convergência; convergência-convergência e divergência-divergência. A convergência originando-se de situações distintas gera resultados similares, enquanto a divergência originando-se de uma mesma situação gera resultados diferentes. Tais combinações deixam em evidência condições de homogeneidade e diferenciação, demonstrando o movimento e o ritmo das mudanças.

Dessa maneira, a organização espacial crescentemente diferenciada e complexificada:

passa a ser submetida a tensões numerosas e profundas que se impõem sobre sua estrutura e funcionamento, levando a mudanças, por vezes, lentas, orientando-se por uma continuidade especiosa; por vezes, rápidas, fundamentadas em princípios diferentes dos anteriores; e, não raro, brutais, rompendo com os padrões precedentes. Trata-se, respectivamente, de mudanças com continuidade e mudanças com descontinuidade, posto que a cada momento histórico e a cada contexto espacial, tem-se o embate entre tais processos, caracterizando a incessante renovação da sociedade e, por conseguinte, a recriação constante de diferencialidades espaciais (BESSA, 2009, n. p.)

Assim, os conceitos de convergência e divergência abrem a perspectiva de compreensão de transformações da organização espacial, cujo recorte na perspectiva da geografia urbana pode ser uma rede urbana ou centros urbanos de uma rede. Isto porque os centros urbanos de uma determinada rede urbana, mesmo considerando-se elementos genéticos similares podem

mostrar-se profundamente diferenciados entre si, respondendo a distintos processos de evolução. Alguns permanecem fortemente ligados à suas heranças históricas não demonstrando significativas mudanças em sua evolução; outros demonstram lenta alteração em sua dinâmica econômica e social em direção a novas inserções na divisão territorial do trabalho; outros passam ainda por abruptas mudanças em razão de descontinuidades, que podem ser oriundas de fatores internos ou externos.

Na lógica capitalista, onde processos tem tendência geral à homogeneização, o que se verifica é a diferenciação vinculada a contingência e vicissitudes, como práticas e estratégias de diferentes agentes sociais, a diversidade territorial dos lugares, as implicações do tempo, dentre outros, ratificando desequilíbrios e descontinuidades no contínuo processo de transformação social.

Para Bessa (2007, p. 36) ao se utilizar a convergência e divergência na análise da evolução de centros urbanos, uma das questões fundamentais que pode ser evidenciada é:

a identificação da dinâmica relacional e contraditória entre processos igualizadores, inerentes aos imperativos universalizantes e com forte tendência à homogeneização por meio de efeitos convergentes, e processos diferenciadores, surgidos no interior das formações socioespaciais, com tendência à diversidade, por meio de efeitos divergentes.

ALGUNS EXEMPLOS DE CONVERGÊNCIA E DIVERGÊNCIA NA EVOLUÇÃO DE CENTROS URBANOS

Aqui resgata-se estudos anteriores (FRESCA, 1990 e FRESCA, 2000), mas em outra perspectiva analítica, incorporando os processos de convergência e divergência. Em realidade revisita-se experiências passadas trazendo à tona os mesmos centros estudados anteriormente, porém em outra perspectiva.

Oswaldo Cruz, Inúbia Paulista, Jacarezinho, Cornélio Procópio e Cianorte configuram-se em cinco núcleos urbanos que tiveram evoluções bastante diferenciadas, refletindo e ratificando mudanças na organização do espaço. Os dois primeiros, configuram-se em pequenas cidades, mas de tamanhos diferentes, da rede urbana de Marília, no Oeste Paulista, enquanto os demais

estão inseridos na rede urbana norte-paranaense, apresentando-se como centros com nível médio de centralidade. Estas cidades cujas gêneses estão compreendidas entre 1920-1950, apresentaram elementos comuns, e cumpriram as funções para as quais foram criados. Mas a partir dos anos de 1960/70, processos de diversas ordens criaram diferenciações na evolução dos mesmos, isto é, divergências, que resultaram para cada um, caminhos distintos em sua evolução.

Estes centros urbanos apresentam entre si, alguns elementos genéticos comuns: foram criados no contexto da expansão das frentes pioneiras no Oeste Paulista e Norte do Paraná entre os anos de 1920-1950, com exceção de Jacarezinho que teve sua gênese a partir de 1880 articulado ao processo de apropriação de terras por mineiros, praticando uma agricultura de subsistência e atividades criatórias de pouquíssima expressão econômica, social e espacial. Sua evolução foi discreta até por volta da década de 1920, quando a dinâmica das frentes pioneiras atingiu a porção leste do norte do Paraná e Jacarezinho adentrou em nova etapa de seu desenvolvimento, apresentando a partir de então, características básicas da economia cafeeira. Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Cornélio Procópio e Cianorte foram todas criadas como parte integrante do processo de incorporação das terras à economia cafeeira por intermédio dos loteamentos rurais, assentados em pequenas e médias propriedades adquiridas por ex-colonos, imigrantes de primeira, segunda ou terceira geração. Mesmo Cianorte, a mais recente dentre as cinco, cuja gênese é de 1948/49, manteve as características destes empreendimentos fundiários. O núcleo urbano neste contexto era condição fundamental do empreendimento fundiário de empresas estrangeiras, nacionais ou homens de negócios que para tal não constituíram empresas, a desempenhar funções cruciais aos habitantes e atividades produtivas: comércio varejista, serviços básicos, beneficiamento e comercialização da produção rural, transporte, dentre outras.

Enquanto um negócio, as cidades foram criadas a partir de plantas urbanas previamente desenhadas no formato de tabuleiro de xadrez. Mesmo Cianorte, a mais bem planejada dentre todas, no sentido de desenho urbano, associa a forma quadrangular com a elíptica, em decorrência de sua acomodação à topografia.

Atendendo demandas da população rural e urbana e da produção agrícola (café, gêneros alimentícios, matérias primas), estas cidades foram capazes de um desenvolvimento em que pode-se afirmar que houve o atendimento das funções para as quais foram criadas. Evidente que entre elas havia diferenças em termos de tamanhos e complexidade das atividades desempenhadas.

Tanto assim que Inúbia Paulista com cerca de 2500 habitantes em 1990, foi criada em 1942 para atender as demandas da população rural composta por pequenos proprietários e seus familiares em elevado número, como dos trabalhadores das grandes propriedades. Assim, nos anos de 1950, este pequeno núcleo urbano apresentava um comércio varejista representado por armazéns de secos e molhados comercializando desde gêneros alimentícios até produtos agrícolas para a agricultura. As atividades industriais eram inexistentes, exceto as máquinas de beneficiamento de cereais, pois as cafezeiras estavam no interior das fazendas. Os serviços eram por sua vez bastante escassos, obrigando a população a recorrer àquelas presentes em Osvaldo Cruz. Esta última por sua vez já se apresentava bastante diferenciada em relação a anterior, contando com uma população de cerca de 27.000 habitantes em 1950. Com uma estrutura fundiária assentada sobretudo nas pequenas propriedades, contava com elevado número de proprietários a consumir e investir suas rendas fundiárias na cidade. Nesta se fazia presente um comércio varejista bastante diversificado, que ia dos armazéns de secos e molhados à revendas de máquinas diversas e carros; um comércio atacadista ligado à comercialização da produção rural e gêneros alimentícios, bem como serviços médicos, educacionais, bancários, transporte. Tais atividades realizadas por agentes locais, garantiam para Osvaldo Cruz uma importante centralidade na rede urbana naquele momento.

Jacarezinho por sua vez era a principal cidade do Norte Velho do Paraná nos anos de 1950, graças a um importante comércio varejista, atacadista e prestação de serviços e atividades industriais, oriundos da ação de agentes locais que atendiam as demandas da população rural local e dos municípios localizados ao sul do mesmo. Contando com cerca de 35 mil habitantes em 1950, era com base nesta atuação regional que estava o elevado mercado consumidor para tais atividades, porque a maior parte de sua área agrícola era

composta por grandes propriedades, nas quais era elevado o número de colonos. Estes proprietários em sua maioria residiam no estado de São Paulo, realizando a extração da renda fundiária sem correspondente reinvestimentos no local.

Cornélio Proκόpio teve sua gênese como ponta de trilhos em 1930 - conhecida inicialmente como km 125 - associando loteamento rural e urbano, caracterizando-se por uma estrutura dimensional assentada em pequenas propriedades rurais. Na condição de um centro sub-regional da rede urbana do norte do Paraná, a cidade apresentava o quarto maior comércio varejista da rede e o sétimo maior comércio atacadista, desempenhados por agentes locais, enquanto a atividade industrial ligada à transformação da produção rural era significativa. Sua atuação, mediante estas atividades, envolvia área expressiva de seu entorno, representada sobretudo por núcleos urbanos de menor centralidade. Acrescente-se ainda as importantes ligações que estabelecia com São Paulo via importações para o comércio varejista e atacadista e exportação de produtos rurais.

Cianorte na contrapartida, era o mais novo dentre todos os núcleos aqui referidos, cuja gênese é de 1948/49 a partir da ação da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná, que criou condições para o sucesso do loteamento rural composto majoritariamente, em termos absolutos e relativos, por pequenos estabelecimentos; construção de estradas rodoviárias não pavimentadas; dotação de infraestrutura urbana – rodoviária, hotéis, escritório de comercialização das terras; telefone, aeroporto, escola, serviço de abastecimento de água e luz, hospital, etc. Com poucos anos de existência e população de apenas 8.480 habitantes neste momento, a cidade manifestava forte dinâmica econômica e social através de elevado número de estabelecimentos comerciais, prestadores de serviços e indústrias que atendiam as necessidades do elevado número de proprietários rurais locais e dos municípios adjacientemente localizados.

Desta maneira pode-se afirmar que estes núcleos urbanos de sua gênese até por volta dos anos de 1950, caminharam em sentido de uma convergência, entendida aqui como a capacidade de cumprir os papéis e as funções para os

quais foram criados, em direção a tendências igualizadoras. Mas aqui não se deve entender estas tendências como igualdade em sentido *lato*, já que os processos sociais edificados sobre um espaço-tempo movem-se em todas as direções, podendo ser direcionais ou não, lineares ou não, podem ser simplesmente aleatórios e caóticos (BESSA, 2007). Assim, igualizadores como tendências em direção a condições similares na evolução dos núcleos urbanos, mas realizados singularizadamente. Muito pequenos, pequenos, mais antigos, muito jovens, estabeleceram uma relação de plenitude entre forma e função, mediante processos diversos, oriundos da estrutura capitalista de então. Assim colocado, a convergência torna-se um caminho através do qual é possível identificar similaridades na geografia.

Tendo em vista que convergência e divergência são processos que coexistem e que não há mecanismos capazes de garantir a continuidade ou primazia do primeiro, a divergência é o “[...] resultado mais provável, visto que a assincronia, a descontinuidade e a não linearidade estão na base da dinâmica evolutiva socioeconômica e, conseqüentemente, da organização espacial, cuja diversidade está associada às instabilidades e às mutabilidades dos vastos processos sociais” (BESSA, 2007, p. 28).

Desta maneira, transformações econômicas, sociais, jurídicas, tecnológicas ao atingirem uma cidade, uma rede urbana, apresentam inúmeras possibilidades de serem capturados e singularizados, onde condições de diversas ordens o permitem. Condições que se referem à noção de contingência, entendida como a seleção de uma das inúmeras necessidades de realização de processos gerais, levando-se em conta as heranças do passado, o envolvimento de agentes internos e externos ao lugar, a capacidade de atitudes e investimentos, dentre outros. Estes agentes podem, por intermédio de suas ações, valorizar e dar maior importância e rumos diferentes para as cidades.

Se a convergência foi o processo que mais que se destacou na evolução das cidades em tela, a partir de um outro momento, o destaque foi a divergência com diferenciações entre esses centros. A partir dos anos de 1960/1970, transformações gerais emanadas do desenvolvimento do brasileiro em seus aspectos econômicos, sociais, políticos, etc. possibilitaram uma outra

organização espacial na qual houve privilegiamento de alguns centros em detrimento de outros. Eventos de diversas ordens tanto externos como interno aos lugares, criaram condições diversas para suas evoluções, pois passaram a responder por relações socioeconômicas distintas.

A figura 1 a seguir permite verificar as complexas relações de convergência-divergência das cidades de Osvaldo Cruz, Inúbia Paulista, Cornélio Procópio, Cianorte e Jacarezinho. Num primeiro momento, tem-se a gênese de Jacarezinho que caminha em direção a convergência; situação similar ocorre com as demais, ressaltando-se que as demais tiveram fundações suas gêneses entre 1920-1950. Mas a partir dos anos de 1960/1970 houve rupturas nas evoluções das cidades aqui referidas, manifestando divergência e diferenciação entre elas.

Assim, tanto Inúbia Paulista como Jacarezinho se caracterizam por uma atividade agropecuária apoiada nas pastagens e cana-de-açúcar; com concentração fundiária em favor de grandes estabelecimentos com esvaziamento demográfico do campo. Em Inúbia Paulista cerca de 50% da população ativa passou a trabalhar como bóias-frias, enquanto nas atividades urbanas, seu maior representante agora é uma cooperativa de consumo com expressiva área de atuação, sob o controle de um grande proprietário fundiário local, sendo esta a maior geradora de empregos urbanos, seguido por aqueles da prefeitura municipal. Este pequeno núcleo urbano mediante rupturas originadas do contexto nacional, foram singularizadas de tal forma que transformou-se em reservatório de força de trabalho para o complexo agroindustrial sucroalcooleiro. Jacarezinho tornou-se uma cidade de perda do excedente socialmente criado no local. A expansão do cultivo de cana – de – açúcar, presença dois complexos agroindustriais sucroalcooleiros de origem extra-local, consubstanciam-se em caminhos para a drenagem da renda fundiária e empregam elevado número de bóias-frias locais e das cidades adjacientemente localizadas. Ocorreu expansão da área de pastagens alcançando cerca de 50% das terras municipais; presença de agroindústria avícola de capital internacional.

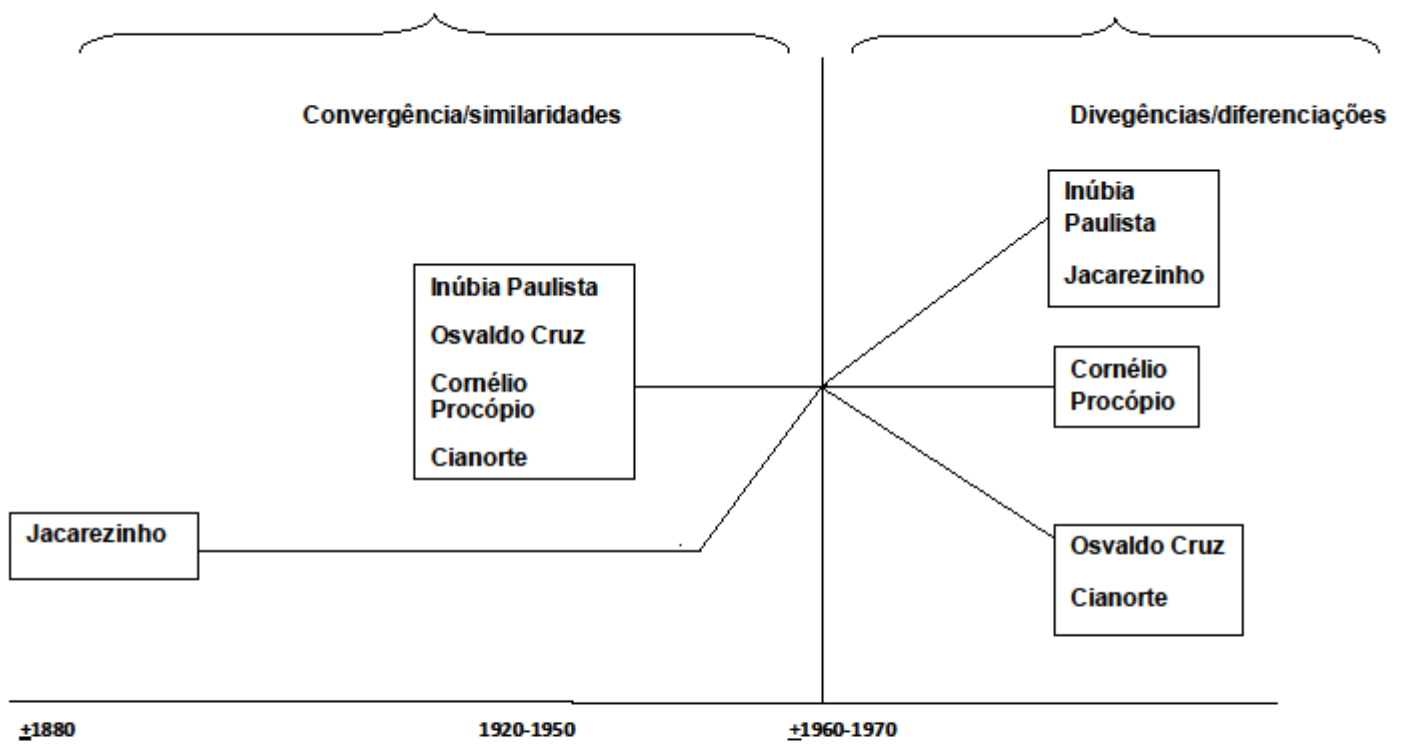


Figura 1: Convergência e Divergência na Evolução de Centros Urbanos

Estas empresas agropecuárias tem suas sedes externas à cidade e inseridas na lógica de produção e reprodução do capital no estágio atual, de ampliação da concentração e centralização do capital, tem suas decisões emanadas de outros centros urbanos nacionais e internacionais; as empresas e a produção propriamente dita funcionam praticamente independentes da cidade de Jacarezinho, a não ser pela necessidade de mão-de-obra, normalmente aquela sem qualificação e especialização, enquanto as vinculações, lucros e rendas são direcionados para outros lugares.

Do ponto de vista das atividades urbanas, o único destaque são os serviços educacionais de nível superior, mediante presença de quatro faculdades estaduais, que passaram a movimentar expressivo número de alunos em variados cursos, gerando aumento na demanda por residências e serviços diversos. De outra parte, a cidade reflete a exclusão social na presença de duas favelas envolvendo cerca de 3 mil habitantes. Jacarezinho e Inúbia Paulista, embora com tamanhos diferentes, passaram a apresentar uma dinâmica econômica e urbana pouco significativa, já que suas participações na divisão territorial do trabalho – agroindustrial sucroalcooleira e avícola – não apresentam ligações diretas importantes com a cidade onde se realiza a produção. Igualmente são cidades onde ocorre a extração da renda e mais-valia gerada localmente.

Diferente é Osvaldo Cruz e Cianorte que foram capazes, mediatizadas por agentes locais, de incorporar processos externos e internamente encontrou outros caminhos para sua evolução. Embora desenvolvam uma agropecuária submetida à lógica da produção e reprodução do capital, representada pela cana e soja respectivamente nos dois municípios, que tenham apresentado concentração fundiária, o destaque ficou para a produção industrial. Cianorte tornou-se especializada na produção industrial confeccionista, respondendo por parte significativa da produção paranaense de jeans e outras peças, em um gênero pulverizado na escala nacional. Esta atividade além de ser a principal geradora de empregos locais e tributação aos cofres públicos, coloca-se como responsável por interações espaciais de longo alcance na escala nacional, inserindo-se no roteiro de eventos da moda nacional. Toda esta atividade é de origem local, envolvendo elevado número de indústrias, dentre as quais

algumas já conquistaram mercado nacional por intermédio de grifes próprias, que se expandem a partir de franquias nas principais cidades brasileiras. Em Osvaldo Cruz a produção industrial seguiu caminho da diversificação de gêneros, principiando pela indústria moveleira, no segmento de sofás e alcançou o patamar de ser uma das mais importantes do estado de São Paulo. De origem local no final dos anos de 1960, a produção foi expandida cuja comercialização é realizada na escala nacional, envolvendo uma gama mais diversificada de produtos como móveis de madeira – racks, estantes, mesas, etc., sendo um forte gerador de empregos nas duas unidades produtivas.

A atividade industrial a partir dos anos de 1990 foi expandida com a presença de uma indústria de produtos para ballet – sapatilhas, meias, calças, saias, etc. – tornando-se grande exportadora brasileira para Europa e Estados Unidos. Recentemente implantou uma unidade produtiva na América Central, a partir da qual ampliará as exportações. De origem local, a unidade industrial constituída em sociedade, gerou a separação da mesma e formação de outra similar; ambas geram elevado número de empregos e inserem a cidade em interações espaciais bastante amplas. Tem-se ainda unidade industrial de esmagamento de soja na cidade, resultante de reorganização de anterior empresa que esmagava amendoim e caroço de algodão com unidades dispersas por várias cidades da rede urbana de Marília, e que foram a partir dos anos de 1990, unificadas em uma única indústria, esmagando soja. Outras indústrias ainda se fazem presentes, mas são de menor porte, como é o caso uma unidade produtora de tanquinhos - máquinas de lavar roupas sem a presença do equipamento de centrifugação. No caso destas últimas unidades, trata-se de grupos sociais emergentes que mediante suas habilidades técnicas e empresariais foram capazes de inserirem a cidade em outras lógicas evolutivas.

Isto significa que no bojo dos processos que impuseram fortes mudanças, em Osvaldo Cruz e Cianorte a realização dos mesmos foi em direção a uma singularidade funcional, a partir de outra e mais complexa participação na divisão territorial do trabalho. Tratam-se agora de cidades com especialização funcional industrial, que conferem diferenciação em relação à economia nacional e ao mesmo tempo integração a esta economia (CORRÊA, 1999),

tendo suas centralidade ampliadas mediante também, importante comércio varejista (inclusive filiais de redes nacionais de móveis e eletrodomésticos, franquias) e prestação de serviços que atendem demandas reais ou criadas.

Cornélio Procópio por sua vez, seguiu outro caminho em sua evolução. Trata-se de um núcleo urbano profundamente articulado à produção agrícola moderna, realizada tanto em pequenas, médias e grandes propriedades, mediante cultivo de soja, trigo e milho, atendendo demandas em termos de produtos, insumos, máquinas e equipamentos em escala regional, juntamente com sistema bancário nacional e cooperativo a controlar a produção. Filiais de transnacionais e cooperativa local disputam a aquisição da produção, mas com ganhos em favor da segunda numa área onde o cooperativismo é expressivo. Trata-se do que Santos (1993) denominou de “cidade do campo”, como referência à capacidade das mesmas em atender as exigências da produção agrícola e neste caso do complexo agroindustrial da soja-trigo, tanto a montante como a jusante. De outra parte, a atividade industrial também é expressiva com a produção de café solúvel, cuja empresa criada nos anos de 1960, tornou-se filial de corporação transnacional japonesa, que ampliou a produção voltada para o mercado externo e interno, gerando elevado número de empregos, e interações espaciais bastante longínquas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a complexa e multifaceta organização espacial a partir de núcleos urbanos, utilizando-se os processos de convergência e divergência, permite compreender os inúmeros caminhos de similaridade e diferenciação estabelecidas diacronicamente, mas em contínua tensão e coexistindo em direção ao constante movimento. Evidencia ainda a enorme diversidade de situações evolutivas dos núcleos urbanos a partir de rupturas que ocorreram em determinados momentos históricos; modificações geradas pela elite local ou emergência de outros grupos e frações de classes a implantarem atividades produtivas no local; evidencia processos de forte extração da renda fundiária gerada localmente e investidas ou consumidas em outros lugares; fortes processos de exclusão social, dentre outros, mediante a complexificação da divisão territorial do trabalho.

REFERÊNCIAS

BESSA, Kelly C. F. De O. **Convergências e divergências da urbanização em áreas de cerrado**: a dinâmica urbano-regional de Uberaba e Uberlândia (MG). 2007. Tese (Doutorado em Geografia) – UFRJ, Rio de Janeiro.

BESSA, Kelly. Proposições para a análise da diferenciação espacial nos estudos sobre rede urbana: as noções de convergência e divergência. ENCUENTRO DE GEOGRAFOS DE AMERICA LATINA, 12, 2009. **Anais...** Montevideo, 2009. Disponível em <http://egal2009.easyplanners.info/area05/>. Acesso em set. 2010.

CHEPTULIN, A. **A dialética materialista**: categorias e leis da dialética. São Paulo: Alfa Ômega, 1982.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Território**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 6, 1999.

CORRÊA, R. L. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1987.

CORRÊA, R. L. Espaço: conceito chave na geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. Da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FRESCA, T. M. **A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista**: estudo de casos: Osvaldo Cruz e Inúbia Paulista. 1990. Dissertação (Mestrado em Geografia) – UFSC, Florianópolis.

FRESCA, T. M. Transformações da rede urbana do Norte do Paraná: estudo comparativo de tres centros. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – USP, São Paulo.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1982.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.